



PROFESSOR CARLOS GOMES DENUNCIA RAZÕES DA FUGA DE CÉREBROS DOS AÇORES [02-03]

Investigação foge

29-11-2012

CARLOS GOMES, PROFESSOR

“Portugal tem investigadores talentosos, mas não há apoios”

Carlos Gomes veio à Terceira orientar as conferências sobre “Doenças do Séc. XXI: Estratégia para um Envelhecimento Ativo”. Diabetes, colesterol e hipertensão arterial são as mais comuns nos Açores.

TEM MAIS DE 40 ANOS DE PROFISSÃO. QUAL FOI A SUA FORMAÇÃO ACADÉMICA?

Estudei na Faculdade de Ciências de Lisboa, Universidade Clássica de Lisboa. Licenciiei-me em Biologia, Ramo Científico na especialidade de Biologia Celular.

Estou há 22 anos na universidade dos Açores, fiz a minha carreira académica desde assistente estagiário até professor auxiliar após o doutoramento. Enveredei pelo caminho da fisiologia desde os insetos aos humanos, microbiologia médica, fisiopatologia, biologia molecular. O Mestrado e o Doutoramento foram feitos em co-tutela Luso-Francesa entre as seguintes instituições: Universidade dos Açores - UA (Ponta Delgada), Instituto de Tecnologia Química e Biológica - ITQB (Oeiras) e Université de Montpellier II – (UM2) - Sciences et Techniques du Languedoc (Montpellier, França), nas áreas do molecular e celular.

DURANTE O SEU PERCURSO PROFISSIONAL PARTICIPOU EM ALGUM PROJETO NACIONAL OU INTERNACIONAL?

Já perdi a conta aos projetos em que participei. Mas destaco um no início da minha carreira, foi o primeiro em que colaborei. Foi começado na ilha Terceira, era um projeto muito empolgante chamado “Controlo de pragas agrícolas, o controlo dos escaravelhos da pupila japónica”. Nós usávamos fungos e bactérias para esse controlo.

NESTE MOMENTO, ESTÁ A DESENVOLVER ALGUM PROJETO?

Em França, estou a desenvolver um projeto, há dois anos, de de-

envolvimento de ferramentas de estudo de diagnóstico para diagnosticar algumas infeções, tanto virais como bacteriais na fisiologia humana (utilizamos insetos no estudo). No continente, estou a fazer o estudo de bactérias extremófilas. Tenho investigadores portugueses nos dois projetos.

COMO SURTIU A SUA VINDA À ILHA TERCEIRA, PARA SER O CONFERENCISTA DESTA CONFERÊNCIA?

As conferências que foram realizadas, nos dias 23 e 24 de novembro, na ilha Terceira, estão dentro de um contexto que é a comemoração do ano europeu do envelhecimento ativo e de solidariedade entre gerações. A universidade dos Açores tem um programa que se chama Aprendizagem ao longo da vida em que coloca ao dispor do público em geral, designadamente naquela

faixa etária das pessoas reformadas, mais idosos, temas variados de várias áreas.

Estas conferências têm o apoio do Governo Regional dos Açores, da secretaria regional para a investigação para a ciência e tecnologia. Nós temos um ciclo de conferências e um ciclo de seminários. As conferências são realizadas nas ilhas onde está a Universidade dos Açores (Terceira, São Miguel e Faial) e os seminários nas restantes ilhas. Nós cobrimos as ilhas com dois objetivos: levar a ciência, os benefícios do conhecimento e da atividade lúdica e de aprendizagem às pessoas.

Este ano colocamos as câmaras municipais como parceiros nesta iniciativa. Queremos é estender a aprendizagem ao longo da vida a todas as ilhas. Além do aprender e do saber nunca ocuparem

lugar, as pessoas estão ativas, porque participam nas atividades e podem partilhar as suas experiências com os conferencistas. Há conferências de filosofia, história, inclusivamente há um colega meu

– ESTRATÉGIAS E ASPECTOS PREVENTIVOS PARA UM ENVELHECIMENTO ATIVO”, QUAIS SÃO AS MAIS COMUNS NOS AÇORES?

Das doenças que falei na conferência as que se destacam nos Açores

Muitos jovens vão para o estrangeiro

que faz uma conferência muito interessante que envolve avós e netos, onde contam histórias, jogam jogos antigos, entre outras atividades.

DAS DOENÇAS DE QUE FALOU NA CONFERÊNCIA “AS DOENÇAS DO SÉCULO XXI

são os diabetes, colesterol e hipertensão arterial. Isto deve-se sobretudo ao abuso do açúcar, existem pessoas que num só café colocam mais do que um pacote de açúcar. Normalmente estas doenças começam a aparecer a partir dos 45 anos.

MUITOS INVESTIGADORES PORTUGUESES VÃO PARA O ESTRANGEIRO TRABALHAR PORQUE NÃO TÊM MEIOS SUFICIENTES QUE OS APOIEM. QUE COMENTÁRIO FAZ A ESTA SITUAÇÃO?

Os meus melhores alunos de há 21 anos para cá, nenhum se encontra nos Açores. Isto continua a acontecer, porque não existe um incentivo à investigação científica que permita o seguinte: tornar-me um investigador e conseguir governar a vida com isso aqui na região. A investigação científica foi transformada num anexo do economicismo do sistema. As pessoas ficam anos a fio como bolsseiras, o que significa que não têm direito ao subsídio de desemprego, à segurança social, entre outras coisas. E depois, as oportunidades na região para esta área são escassas. O dramático disto tudo é que os senhores que ganharam recentemente o Prémio Nobel da Química, no seu projeto tinham a trabalhar consigo 32 portugueses. É triste ver que estes profissionais têm que ir para fora para exercer a sua profissão e podiam fazer esses trabalhos cá, se houvessem condições e apoios necessários. Há talento, mas não há financiamento.

O QUE É PRECISO PARA SER UM PROFISSIONAL DE SUCESSO NA SUA ÁREA?

Motivação, curiosidade e aquele espírito de nunca estar contente com as respostas que temos.

COMO CORRERAM AS CONFERÊNCIAS?

Correram bem, com uma plateia composta. Teve uma boa adesão masculina, o que me deixou muito surpreendido, porque não é habitual. »

